

O Plano Brady não restabeleceu a credibilidade dos devedores

por Stephen Fidler
do Financial Times

O Plano Brady proporciona redução muito pequena da dívida para poder reconstruir a credibilidade financeira dos países fortemente endividados, afirma o Banco de Compensações Internacionais (BIS) em seu relatório anual.

O BIS sugere também que poderá ser necessária uma pressão maior sobre os bancos credores e os países devedores para encorajá-los a concluir futuros acordos sobre a dívida.

"A probabilidade de que os países devedores e os bancos credores façam progressos significativos sem um mediador que esteja preparado para ser mais do que um simples mediador parece, no mínimo, ter diminuído."

O plano, lançado em março do ano passado, tem por objetivo reduzir o peso da dívida comercial sobre os países devedores, com a ajuda de financiamento oficial, inclusive fundos do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI).

"O restabelecimento da credibilidade financeira exige algo mais além da redução da dívida e do serviço da dívida alcançados até agora em virtude do Plano Brady", diz o relatório.

"Esta foi a falha real na implementação do plano e não o fato de os bancos estarem dando pouquíssimo dinheiro", acrescenta.

Alguns críticos do Plano Brady sugeriram que um dos problemas do programa foi o de ter desestimulado os bancos a concederem novos empréstimos. Mas o BIS insiste em afirmar que "ainda não está claro se, com exceção do financiamento comercial, a concessão de novos empréstimos em condições de mercado seria do interesse dos próprios países devedores problemáticos".

O relatório descreve o Plano Brady como útil, mas o critica por ter gerado expectativas não-realistas sobre a quantidade de redução da dívida que poderia ser conseguida, prejudicando com isso o ambiente das negociações por obrigar os bancos a negociar com devedores que eles consideravam desmerecedores e por criar incentivos aos devedores para depreciar o preço de seus títulos da dívida no

mercado secundário a fim de que conseguissem descontos maiores.

Cerca de US\$ 8 bilhões do total de fundos oficiais originalmente destinados a dar apoio ao plano — entre US\$ 30 bilhões e US\$ 35 bilhões — foram usados nos quatro primeiros acordos. As transações diminuirão em US\$ 14 bilhões a dívida junto aos bancos comerciais e reduzirão o ônus dos juros provocando um declínio da dívida equivalente a mais US\$ 11 bilhões.

A dívida dos países de renda média altamente endividados declinou ligeiramente para US\$ 477 bilhões no ano passado, tendo a dívida aos bancos comerciais experimentado uma queda de US\$ 21 bilhões, para US\$ 245 bilhões.

O BIS mostrou preocupação em relação aos países em desenvolvimento mais pobres, que, segundo afirma, estão ficando ainda mais atrasados em relação ao resto do mundo.

"Obviamente, é necessário mais ajuda fundamental para que os países ajudem a si próprios", diz o relatório, sugerindo que alguns dos "dividendos da paz" resultantes de um melhor relacionamento entre o Leste e o Ocidente deveriam ser canalizados para os países mais pobres.